



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGÊS**

BRENDA RAFAELLA DOS SANTOS PATRIOTA

INFLUÊNCIA DA FALA NA ESCRITA DE ALUNOS DO 9º ANO

**GUARABIRA - PB
2019**

BRENDA RAFAELLA DOS SANTOS PATRIOTA

INFLUÊNCIA DA FALA NA ESCRITA DE ALUNOS DO 9º ANO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino.

**GUARABIRA - PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P314i Patriota, Brenda Rafaella dos Santos.
Influência da fala na escrita de alunos do 9º ano
[manuscrito] / Brenda Rafaella dos Santos Patriota. - 2019.
18 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino
, Departamento de Letras - CH."
1. Sociolinguística. 2. Fala. 3. Escrita. 4. Letramento. I.
Título
21. ed. CDD 306.44

BRENDA RAFAELLA DOS SANTOS PATRIOTA

INFLUÊNCIA DA FALA NA ESCRITA DE ALUNOS DO 9º ANO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 07/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Flávia de Fátima de S. Aquino
Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Edilma de Lucena Catanduba
Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Danielle dos Santos Mendes Coppi
Profa. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho, primeiramente, a Deus, minha fonte de inspiração e perseverança, a toda minha família, pela força, dedicação, companheirismo e amizade durante toda essa caminhada, e aos futuros leitores dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus todo poderoso por todas as conquistas durante cada momento de minha vida.

A minha família, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e me incentivando durante toda a jornada do curso.

Ao meu namorado, que também pôde contribuir para minha formação, através de apoio durante todo percurso do curso.

Aos meus amigos, que também puderam me ajudar na minha caminhada do curso.

Agradeço a todos os professores, que de certa forma, puderam compartilhar comigo todos os seus ensinamentos, experiências e vivências, tornando-os bastantes significativos na minha preparação, seja, pessoal, quanto profissional.

E com grande carinho, agradeço a minha professora e orientadora Dra. Maria de Fátima Aquino, que foi muito importante para mim durante toda essa preparação final do curso.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 OS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS E O PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM | 8 |
| 3 RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA..... | 9 |
| 3.1 A influência da fala na escrita..... | 11 |
| 4 METODOLOGIA | 13 |
| 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES..... | 13 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 17 |
| REFERÊNCIAS..... | 18 |

INFLUÊNCIA DA FALA NA ESCRITA DE ALUNOS DO 9º ANO

PATRIOTA, Brenda Rafaella dos Santos¹

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo principal analisar a influência da fala na escrita dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Para fundamentação dessa pesquisa, em relação à fala e à escrita, tomou-se como referência os estudos de Marcuschi (2010); no que se refere às variações linguísticas no processo de ensino-aprendizagem, buscou-se os estudos de Bortoni-Ricardo (2004, 2005); Bagno (2002, 2007) e Sttubs (2002). A pesquisa relaciona-se à área da sociolinguística, com base em uma pesquisa qualitativa. O campo de investigação foi uma turma do 9º ano de uma escola da rede pública no município de Guarabira-PB. Os resultados obtidos se deram através de produções textuais produzidas pelos alunos.

Palavras-chave: Sociolinguística. Fala. Escrita. Letramento.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo principal analizar la influencia del habla en la escritura de los alumnos del 9º año de la Enseñanza Fundamental. Con ello, una de las motivaciones para la elaboración de la investigación es mostrar al lector que, muchos elementos utilizados del habla de los alumnos en sus textos escritos, están relacionados con desviaciones de concordancia nominal, reducciones de palabras, supresiones, entre otros. Así, se nota que el habla acaba interfiriendo en la escritura. Para la fundamentación de esta investigación, en relación a la fa a y la escritura, se hizo necesario trabajar con algunos teóricos, entre ellos: Marcuschi (2010); Bortoni-Ricardo (2004, 2005); (2002, 2007) y Sttubs (2002), de los cuales se refieren las variaciones lingüísticas en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Nuestra investigación se relaciona con el área de la sociolingüística, sobre la base de una investigación cualitativa. El campo de investigación fue realizado en una escuela de la red pública en el municipio de Guarabira-PB. Teniendo como público objetivo a los alumnos de la propia institución. Los resultados obtenidos se dieron a través de producciones textuales producidas por los alumnos.

Palabras clave: Sociolingüística. Discurso. Escritura. Alfabetización.

¹ Graduanda em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) sob a orientação da professora Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino. E-mail: brenda_patriota-123@outlook.com.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sociolinguísticos têm contribuído de forma significativa para o processo ensino-aprendizagem em sala de aula, principalmente, na compreensão dos aspectos relacionados à influência da oralidade no processo de escrita dos alunos. Assim, faz-se necessário discutir o conceito de “certo” e “errado” relacionado à fala e à escrita, uma vez que a variação dialetal é uma realidade da língua no cotidiano das pessoas.

Dessa forma, é comum encontrarmos, nos textos produzidos pelos alunos, elementos linguísticos próprios da fala. Por consequência disso, esses alunos, muitas vezes, sofrem discriminação, configurando o preconceito linguístico.

Nesse sentido, é importante que o professor trabalhe, em sala de aula, não só a variante padrão, por meio das regras e normas gramaticais, mas também, as variantes coloquiais, as quais são observadas na fala dos alunos. Pois, o conhecimento gramatical, é tão fundamental quanto o conhecimento dos conteúdos que envolvem os processos linguísticos variantes.

Essa pesquisa foi motivada pela percepção de vários elementos característicos da fala na produção dos textos dos alunos, quando de nossa vivência em sala de aula enquanto bolsista de Iniciação à Docência. Para tanto, traçamos como objetivo geral a análise da influência da fala na escrita de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. E como objetivos específicos, destacamos: a) diferenciar tipos de erros de escrita decorrentes da fala; b) analisar práticas de escrita dos alunos de 9º ano; c) refletir sobre o papel do professor enquanto mediador para o processo de ensino-aprendizagem.

A base teórica da pesquisa fundamenta-se nos estudos de Marcuschi (2010), sobre a relação entre fala e escrita; Bortoni-Ricardo (2004, 2005), Bagno (2002, 2007), Stubbs (2002) no que diz respeito ao processo de variação linguística no espaço escolar.

No que se refere a sua estruturação, o texto está organizado da seguinte forma: introdução, dois tópicos teóricos, os quais tratam do estudo sociolinguístico e do processo de ensino-aprendizagem, como também, da relação entre a fala e a escrita; o tópico referente à metodologia utilizada; o tópico dos resultados e discussões, e, por fim, as considerações finais e referências.

2 OS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

As línguas estão em constante variação e mudança, isso não quer dizer que elas estejam progredindo ou regredindo, apenas estão seguindo seu ritmo natural. O estudo desses aspectos variantes das línguas cabe a sociolinguística variacionista, corrente linguística que se ocupa em explicar os fenômenos linguísticos variantes relacionando-os aos diferentes fatores do contexto social. Como afirma Bagno (2007, p. 47, grifos do autor):

Outro conceito muito importante na sociolinguística é o de variedade linguística. Uma variedade é um dos muitos “modos de falar” uma língua. Como já vimos, esses diferentes modos de falar se correlacionam com fatores sociais como lugar de origem, idade, sexo, classe social, grau de instrução etc.

Dentre as variantes linguísticas, o autor supracitado destaca: variação diatópica que se refere às distintas formas de falar em determinadas regiões; variação diastrática- referente às distintas formas de falar levando em consideração a classe social; variação diamésica - diz respeito a relação entre a língua falada e a língua escrita; variação diafásica – diz respeito ao monitoramento estilístico da fala e variação diacrônica – refere-se a variação decorrente do processo temporal (BAGNO, 2007, p.46-47).

O estudo da língua no meio educacional precisa abranger várias práticas sociais de letramento, entre as quais destacamos: a oralidade, a leitura e a escrita em sala de aula. É por meio dessas práticas letradas que o aluno interage nos vários contextos sociais dentro e fora da escola. Conforme afirma Stubbs (2002, p. 86), “todas essas questões são de grande importância social, e os temas da língua na educação têm sido debatidos há centenas de anos e estão profundamente inseridos na vida e nas atitudes culturais”.

No entanto, no ensino de língua portuguesa, muitas vezes, há ênfase nos conteúdos gramaticais em detrimento do trabalho com os aspectos linguísticos da fala. Nessa perspectiva, cabe ao professor repensar essa visão de ensino da língua e ter um olhar mais atento acerca das variantes presentes na sala de aula. O que irá modificar a sua concepção de “certo” e “errado” nas produções orais e escritas dos alunos.

Considerando os aspectos linguísticos da fala, é possível afirmar que ninguém fala errado, e sim, não fala de acordo com a norma exigida em determinado contexto de fala. Seguindo essa linha de raciocínio, Bagno (2004) afirma que:

Do ponto de vista estritamente linguístico, o erro não existe, o que existe são formas diferentes de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua: se milhões de brasileiros dizem *trabaio* – e não “trabaco”, “trabavo”, “trabazo” etc. – é porque a transformação de “lh” em “i” é uma virtualidade prevista na própria arquitetura fonológica da língua portuguesa. (BAGNO, 2004, p. 8, grifos do autor).

Seguindo essa perspectiva do autor, podemos afirmar que muitos “erros” cometidos pelos alunos podem estar relacionados à sua própria língua materna ou até mesmo as etapas que ela vem adquirindo ao longo do tempo. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 9, grifos do autor): “Os chamados “erros” que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema e processo evolutivo da língua. Portanto, podem ser previstos e trabalhados com uma abordagem sistêmica”.

Assim, destacamos a importância do trabalho com as diversas formas variantes da língua no espaço educacional, pois não podemos desmembrar o aspecto linguístico de seu contexto sociocultural. Nessa perspectiva, é essencial que os professores de língua materna mostrem aos seus alunos a importância dos valores sociais que podemos conferir às variações da língua, o que pode contribuir, significativamente, para evitar o surgimento do preconceito linguístico.

3 RELAÇÃO ENTRE FALA E ESCRITA

A fala e a escrita são imprescindíveis para a interação dos indivíduos em sociedade, ou seja, é por meio dessas práticas que as pessoas expressam seus sentimentos, conhecimentos, experiências e comunicam-se.

Levando em consideração os usos, a fala e a escrita apresentam características distintas. No processo de comunicação oral, além do uso dos elementos sonoros, é possível fazer uso também de elementos não linguísticos, como por exemplo, a gestualidade. Já a comunicação escrita, se dá por meio dos elementos gráficos. Suas grandes características estão voltadas aos “aspectos formais, estruturais e semiológicos” (MARCUSCHI, 2010, p. 26). Embora, as duas

modalidades apresentem características próprias, não são necessariamente contraditórias, e conforme Marcuschi (2010, p. 17), não são “suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”.

Nesse sentido, o autor afirma que, tanto a fala, quanto à escrita, permite a elaboração de um texto com sentido, pois esses dois processos admitem relações de discursos formais, informais, sociais, nas interações cotidianas.

A fala pode ser contraída naturalmente em âmbitos informais do cotidiano, a experiência e utilização de uma língua espontânea é um meio de inclusão cultural e social desde os primeiros anos de vida.

Já a escrita pode ser adquirida em âmbitos formais, como por exemplo, a escola. Por isso, esta é vista de forma mais prestigiada do que a fala. A esse respeito, Marcuschi (2010, p. 18) afirma que:

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. Mais do que a decorrência de uma disposição biogenética, o aprendizado e o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização. Por outro lado, a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola. Daí também seu caráter mais prestigioso como bem cultural desejável.

A escrita e a fala são utilizadas nos diversos ambientes sociais, como trabalho, escola, igrejas, o ambiente familiar. Em sociedades grafocêntricas, a escrita é fundamental para o processo de letramento, tornando-se um bem social, como afirma Marcuschi (2010, p. 16):

Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural.

Assim, notamos que, no mundo contemporâneo, a escrita vem permitindo que os sujeitos participem das mais diversificadas práticas de letramento, pois é através dela que podemos exercer várias tarefas, como por exemplo, expressarmos nossas opiniões, escrevermos um documento, entre outras práticas.

3.1 A influência da fala na escrita

Conforme já discutido anteriormente, a fala e a escrita são de extrema importância para a comunicação e socialização das pessoas. Nesse processo de interação comunicativa, os indivíduos usam as variantes linguísticas de sua comunidade. Isto é, por pertencerem a determinado lugar, eles fazem uso das expressões e costumes daquela região. Como enfatiza Bortoni-Ricardo (2005, p. 31):

A língua é, por excelência, uma instituição social e, portanto, ao se proceder a seu estudo, é indispensável que se levem em conta variáveis extralinguísticas – socioeconômicas e históricas – que lhe condicionam a evolução e explicam, em parte, sua dialeção regional (horizontal) e social (vertical).

Com isso, vemos a relevância de o educador enfatizar, em sala de aula, os diferentes aspectos da língua, e mostrar que, de certo modo, os fenômenos variáveis da fala, podem se configurar ou não como um “erro” na escrita. Um exemplo de influência da fala na escrita está relacionado ao desvio de concordância, pois muitos alunos ainda não conseguem dominar adequadamente essas formas de escrita formal, e, por consequência disso, acabam utilizando dos fenômenos linguísticos típicos da fala. Segundo Bagno (2007, p. 112):

A regra da concordância sujeito-verbo é ainda muito visível e muito audível para esses falantes, e sua não observância é logo identificada como traço linguístico característico de pessoas pobres e sem instrução.

Sendo assim, notamos que alguns falantes de classes sociais menos privilegiadas, que não têm acesso à escola são os que mais usam as formas variantes da língua consideradas menos prestigiadas e conseqüentemente, “erradas”, de acordo com a norma padrão, como desvios de concordância, reduções de palavras, entre outros.

Outro fator relevante é a visão de que a modalidade da língua escrita é homogênea e não tem variação, e de que a língua falada é errada e a escrita é correta. Trata-se de um grande equívoco, pois essas variações da língua faladas podem, também, estar presentes na escrita. Segundo Bagno (2007):

As mesmas pessoas que empregam tranquilamente a nova regra de não concordância com o sujeito posposto ao verbo reagem negativamente quando essa mesma não concordância aparece na ordem sujeito-verbo, que é a ordem mais frequente dos enunciados em português. Construções como OS LIVROS CHEGOU, AS CASAS CAIU, OS MENINOS ENTROU são imediatamente detectados pelos falantes urbanos escolarizados como “erro”. (BAGNO, 2007, p. 112, grifos do autor).

Nesse sentido, conforme o autor, é possível afirmar que ninguém fala “errado”, e, tampouco, existem “erros” piores que outros, e sim, aspectos sociais que influenciam a forma de falar, a variação linguística.

No que se refere à relação entre fala e escrita e a influência daquela nesta, percebemos que ainda existe uma persistência em caracterizar as duas modalidades como se fossem completamente distintas uma da outra. Essa visão tem levado as pessoas a acreditarem que a escrita tem que ser mais rebuscada, na sua produção, o que tem gerado muitos transtornos, pois as pessoas acabam acreditando que, para produzir um bom texto, terão que fazer uso de termos difíceis, o que não é verdade. Quando se produz um texto desta forma, muitas vezes, dificulta-se a sua compreensão. Como afirma Bagno (2007, p. 181, grifos do autor):

Aquela separação rígida entre fala e escrita fez nascer a ideia de que a escrita tem que ser sempre mais “rebuscada”, mais “elaborada” do que a fala. Daí decorrem sérios problemas na produção textual de muitas pessoas, que tentam “escrever difícil”, recorrendo a “muletas” textuais que só servem para tornar o texto pesado e deselegante.

Assim, podemos perceber que algumas pessoas tendem a querer fazer uma divisão entre fala e escrita, acreditando que a escrita é a forma mais correta e mais elaborada de comunicação. No entanto, vemos que a fala acaba influenciando na escrita, e que as duas modalidades são fundamentais para a interação social.

4 METODOLOGIA

Nossa pesquisa insere-se na área da sociolinguística, com uma abordagem qualitativa dos dados. Teve como campo de investigação uma turma de 9º ano de uma escola pública do município de Guarabira.

Os dados que serviram de base para a análise da influência de elementos da fala no texto escrito foram obtidos através da produção textual dos alunos, ao solicitarmos que os mesmos produzissem redações acerca de uma das temáticas do cotidiano (preconceito), as quais foram elaboradas a partir de discussões sobre as várias formas de preconceito.

De posse dos textos produzidos, procedemos à leitura dos mesmos para a identificação dos fenômenos linguísticos da fala presente nos escritos dos alunos, a partir de sua identificação, realizamos a análise desses fenômenos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse tópico, procedemos à análise dos processos linguísticos, observados nos textos produzidos pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental. Ao todo, foram analisados 16 (dezesesseis) textos, dentre eles, foram selecionados 9 (nove) fragmentos para a análise, nos quais observamos os seguintes fenômenos linguísticos característicos da fala: supressão de partes de palavras, desvio de concordância, inserção e apagamento de grafemas. Para a análise destacamos fragmentos dos textos escritos, por questões de ética, na pesquisa, não identificaremos os produtores dos textos. Vale ressaltar que a transcrição dos fragmentos segue a mesma estrutura dos textos originais. Vejamos:

Fragmento 01:

*“O preconceito hoje em dia **“ta”** muito grande é várias pessoas sofrem do bullying no colegio...”*

Nesse fragmento, observamos a redução da palavra “está”, em que o aluno escreveu “ta”. Esse é um recurso linguístico comum na fala coloquial cotidiano.

Fragmento 02:

*“... **“Nas escola”** os professores não ligam porque tem aluno que sofre bullying dentro da sala de aula e o professor **“ta”** la e não faz nada...”*

Neste fragmento, observamos duas formas variantes típicas da língua falada: o desvio de concordância “nas escola”, e a redução da palavra “está” para “tá”. No primeiro caso, o aluno não fez o uso adequado da concordância, o que ocasionou um desvio da norma gramatical pela omissão do morfema de plural na palavra “escola”, núcleo do sintagma nominal.

Fragmento 03:

*“Os preconceitos podem levar **“muitas gente”** a loucura morrer, **Eles que tem preconceitos não “saber”** quanto é ruim todos os dias chegar na escola e **“os colegas fazer”** bulling e ter preconceitos com a pessoa...”*

No fragmento 03, destacamos três desvios. No primeiro, um desvio de concordância nominal: “muitas gente”; já nos outros dois, há desvios de concordância verbal, com a mudança da forma “Eles...saber” e “os colegas fazer”, em que foi usada a forma infinitiva do verbo por sua forma conjugada em terceira pessoa do plural, prejudicando a coerência do texto.

Fragmento 04:

*“O povo que tem preconceitos não tem coração não Eu acho isso muito chato principalmente quando eu **“tou” “num”** lugar e tem uma pessoa preconceituosa...”*

Neste fragmento, o aluno fez uso dos vocábulos “tou” e “num”, que são expressões típicas da oralidade que foram trazidas para o texto escrito.

Fragmento 05:

*“... quando as **“peessoas passar”** até preconceitos com as outras pessoas 24 horas **“po dia”** eu, achei ruim...”*

Nesse fragmento, observamos mais um desvio de concordância verbal no sintagma “peessoas passar”, em que foi usada a forma infinitiva do verbo por sua forma conjugada em terceira pessoa do plural; no elemento “po dia”, ocorreu apagamento do grafema “r” na escrita de “por”. Vale ressaltar que o apagamento do “r” em final de vocábulos é um fenômeno linguístico muito frequente na fala cotidiana.

Fragmento 06:

*“...imagina todos os dias os colegas, os amigos, ou até mesmo pessoa da sua família fazendo bullying ou preconceitos muito chato e muito ruim mesmo isso era **“pra”** acabar de uma vez por toda” .*

Neste fragmento, destacamos e redução da preposição “para” - “pra”, recurso frequente na fala cotidiana e na escrita informal.

Fragmento 07:

*“O racismo e o preconceito e como se fosse bullying que não gosta **“das quelas”** pessoas, exemplo, não gosto da pele, porque tem deficiência, porque tem cabeça grande, **“orelhas grande”,...**”*

Nesse fragmento, chamou-nos atenção à escrita da expressão “daquela”, em que o aluno escreveu “das quelas”, observamos um desvio de segmentação da palavra que pode ser ocasionado pela forma como o aluno a pronuncia ou por um desconhecimento da escrita formal da palavra “daquela”. Já no sintagma “orelhas grande”, há um desvio de concordância nominal.

Fragmento 08:

*“... **“as escolas e cheio de problema”**, por causa de bullyns e racismos, **“esses meninos fortão que pega os fracos”**...”*

Neste fragmento, o aluno cometeu vários desvios de concordância nominal e verbal entre os elementos dos sintagmas. Em “as escolas e cheio de problema”, além da não concordância entre o nome sujeito “escolas” e o verbo “são” – “e”, há também desvio de concordância de gênero e número entre o nome “escolas” e o adjetivo “cheio”. Em “esses meninos fortão que pega os fracos”, observamos desvios de concordância nominal no sintagma “meninos fortão”, e desvio de concordância verbal entre o sujeito “meninos”, no plural, e o verbo “pega” na terceira pessoa do singular.

Fragmento 09:

*“... racismo e preconceito, **“são duas coisas ruim”** estou falando sobre os dois como combater isso, você chega em que **“ta”** te encomodando você, ai você fala com ele explico, porque não gosto da pele sua e si ele não gostar não ligue não de nem atenção por se você der atenção vai piorar tudo para você fique na sua **“mano”**, e so isso.”*

No fragmento, destacamos: **“são duas coisas ruim”**, em que o aluno cometeu desvio de concordância. Já em **“ta”**, houve a redução da forma verbal “está”. Destacamos, ainda, o uso de gíria em **“fique na sua mano”**, expressão comum na fala de determinado grupo social.

Com base na análise, observamos que o maior número de desvios produzidos pelos alunos refere-se a desvios de concordância, seguido da redução de palavras. Vale salientar que, muitas vezes, o aluno comete esses desvios pelo fato de não terem acesso frequentemente à norma culta da língua no ambiente social em que está inserido. Por isso, é imprescindível levarmos em consideração as interferências das regras fonológicas e morfossintáticas que o sujeito possa ter em sua linguagem, segundo Bortoni-ricardo (2005):

Quando lidamos com alunos que têm acesso muito limitado à norma culta em seu ambiente social, temos de levar em conta a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto na aprendizagem do português-padrão. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 53).

Ao concretizarmos a pesquisa sobre os desvios que os alunos cometeram em sua escrita, vemos que esses, muitas vezes, acontecem sistematicamente em sua fala, o que influencia no momento da produção escrita.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os resultados obtidos e discussões, podemos perceber que ainda há algumas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, no que diz respeito às formas de apresentarmos os assuntos de variação linguística, pois, algumas vezes, no ensino da língua portuguesa, ainda é comum priorizar as regras gramaticais, não que seja desnecessário, é necessário sim, desde que esteja fazendo interação com as variações linguísticas em seu contexto de uso.

É perceptível, mostrarmos, também, que os alunos, constantemente, fazem uso de suas variantes linguísticas em sua escrita. Nos textos analisados, percebemos elementos típicos da linguagem, como por exemplo, as reduções de palavras, expressões populares, entre outros fatores.

Portanto, vale salientar que o processo de ensino-aprendizagem deve ser analisado com outro olhar, levando em consideração os fenômenos linguísticos dos alunos, adotando práticas que envolvam a escrita, tanto quanto a oralidade. E que leve em consideração o contexto social, cultural, político e financeiro em que os alunos estão inseridos. Assim, o objetivo principal do processo de ensino-aprendizagem não deve ser, somente, voltado para as regras gramaticais, e, sim, fazermos uma interação entre gramática e estudos linguísticos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Nada **na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles: **Língua Materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?**: Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.